



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO CEUB DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO - ICPD**

**LARYSSA RODRIGUES PINHEIRO**

**A IMPORTANCIA DA FUNÇÃO MATERNA E PATERNA NO  
DESENVOLVIMENTO DO MUNDO PSÍQUICO**

BRASÍLIA  
2017

**LARYSSA RODRIGUES PINHEIRO**

**A IMPORTANCIA DA FUNÇÃO MATERNA E PATERNA NO  
DESENVOLVIMENTO DO MUNDO PSÍQUICO**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu*, em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Erika Reimann

BRASÍLIA  
2017

**LARYSSA RODRIGUES PINHEIRO**

**A IMPORTANCIA DA FUNÇÃO MATERNA E PATERNA NO  
DESENVOLVIMENTO DO MUNDO PSÍQUICO**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu*, em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Erika Reimann

Brasília, 8 de Dezembro de 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Erika Reimann

---

Prof. Paola Amendoeira

---

Prof. Dr Gilson Ciarallo

## **RESUMO**

O presente estudo discorreu sobre a importância das funções parentais no desenvolvimento emocional do psiquismo humano. Foi apresentada uma revisão bibliográfica a respeito das teorias de Freud, Klein, Winnicott e Bion, retratando a relevância da execução dessas funções para um desenvolvimento saudável. Foram apresentadas também as mudanças que as funções materna e paterna sofreram no decorrer dos anos até a pós-modernidade, e como se apresentam os diversos modos de funcionamento das famílias na contemporaneidade. Diante desses conceitos teóricos, foi apresentado um caso clínico para exemplificar de modo prático as consequências na criança quando há falhas dessas funções parentais.

**Palavras-chaves:** Funções parentais. Psicanálise. Família. Desenvolvimento.

## **ABSTRACT**

The present study discussed the importance of parental functions in the emotional development of the human psyche. A bibliographical review on the theories of Freud, Klein, Winnicott and Bion was presented, portraying the relevance of performing these functions for healthy development. It was also presented the changes that the maternal and paternal functions underwent throughout the years to postmodernity, and how the various modes of functioning of families in the contemporary world are presented. In view of these theoretical concepts, a clinical case was presented to illustrate in a practical way the consequences in the child when there are failures of these parental functions.

**Keywords:** Parental functions. Psychoanalysis. Family. Development.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	07
<b>APRESENTAÇÃO</b>	07
<b>PROBLEMA</b>	07
<b>JUSTIFICATIVA</b>	08
<b>OBJETIVOS</b>	08
<b>OBJETIVO GERAL</b>	08
<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>	08
<b>1. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b>	09
<b>2. FUNÇÕES PARENTAIS SEGUNDO FREUD, KLEIN, WINNICOTT E BION</b>	11
2.1. FREUD	11
2.2. KLEIN	15
2.3. WINNICOTT	19
2.4. BION	23
<b>3. MUDANÇAS DAS FUNÇÕES PARENTAIS NA CONTEMPORANEIDADE</b>	26
3.1. CONTEXTO HISTÓRICO DAS MUDANÇAS NA FAMÍLIA	26
3.2. FAMÍLIAS DA CONTEMPORANEIDADE	28
<b>4. CONSEQUÊNCIAS DAS FALHAS NO DESENVOLVIMENTO DAS FUNÇÕES PARENTAIS</b>	32
<b>CONCLUSÃO</b>	37
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	38

## **INTRODUÇÃO**

### **APRESENTAÇÃO**

É comum a autores psicanalíticos, a partir de diversas óticas, a importância das funções materna e paterna na estruturação psíquica dos sujeitos. As experiências dos pais em suas funções se dá em um processo gradual, desde o desejo do filho, o contato entre os parceiros, a gestação, a sociedade, o contato com a criança, até diversos conflitos e angústias.

Ao nascer, o bebê é totalmente dependente de alguém. Ele não é capaz de lidar com questões relacionadas ao ambiente externo (temperatura, sons, etc.) e nem interno (angústias, medos, sensações), então, faz-se necessário o suporte de alguém, no caso, dos pais, para que ele tenha um desenvolvimento saudável (BORGES, 2005).

As funções parentais têm sofrido algumas mudanças devido a demandas da atualidade. Os pais têm contado com uma parceria entre eles, pois o que antes era tarefa exclusiva da mulher, não se é possível hoje devido a suas grandes realizações, dentre elas, o trabalho. O contato íntimo mãe-bebê, tem sido interrompido mais precocemente, em contrapartida, os pais tem se tornado mais ativos nos contatos iniciais da vida do bebê. Com isso, a função de “holding” tem sido compartilhada com outras pessoas (BORGES, 2005).

Devido às modificações ocorridas nos padrões de família tradicional, baseadas agora em ideais de direitos iguais entre homens e mulheres, influências do feminismo, exigências do capitalismo, dentre outros, as formas de se perceber e exercer as funções materna e paterna tem sido modificadas (MORAES, 2001).

### **PROBLEMA**

Qual a importância das funções parentais no desenvolvimento do sujeito e quais suas mudanças na contemporaneidade?

## **JUSTIFICATIVA**

Conhecer as mudanças das funções materna e paterna e sua importância no desenvolvimento psíquico dos sujeitos é de grande relevância, pois possibilita reflexões úteis aos pais, para que possam questionar sua prática e estabelecer uma relação de qualidade emocional com seus filhos, e a psicólogos e educadores para orientação de pais. Segundo Klein (1981), através da compreensão psicanalítica seria possível ajudar o desenvolvimento intelectual e emocional de crianças de forma preventiva.

## **OBJETIVOS**

### **OBJETIVO GERAL**

Compreender a importância da função materna e paterna no desenvolvimento do sujeito e suas mudanças na contemporaneidade.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Identificar a relevância das funções parentais no desenvolvimento
- Analisar as mudanças das funções parentais na atualidade
- Investigar as consequências das falhas no desenvolvimento das funções parentais

A metodologia a ser utilizada para elaboração desta monografia será uma pesquisa bibliográfica aplicada em relação a importância das funções parentais e as mudanças destas funções na contemporaneidade.

Segundo Cervo e Bervian (1983), a pesquisa bibliográfica aplicada tem a proposta de explicar o problema dentro de referenciais teóricos que estejam disponíveis em documentos.



## 1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A pesquisa será desenvolvida através da teoria psicanalítica, por meio de autores distintos, mas que compartilham do mesmo pensamento em relação à importância das funções materna e paterna na estruturação e desenvolvimento do psiquismo do sujeito.

Para Klein (1927b/1981b), a função materna funciona como um receptor das angústias iniciais da criança. A pessoa que desempenha essa função deve propiciar alívio às ansiedades excessivas do bebê, através da discriminação destas ansiedades, e o ajudando no contato com seu mundo interno e a realidade.

A grande necessidade de cuidados maternos e o desamparo sofrido pelo bebê requerem grande vínculo amoroso da mãe. Tal desamparo desperta na mãe o desejo de reparação advindos de variadas fontes, podendo relacionar-se a esse bebê esperado como representação da realização de anseios maternos primitivos (KLEIN; RIVIERE, 1937/1975).

No início da vida o bebê é totalmente dependente da mãe, Winnicott (1990, p.40) diz: “não existe essa coisa chamada bebê”, pois o bebê existe no agenciamento entre a mãe e o ambiente. O bebê não pode ser pensado sem a presença de alguém que exerça a função materna e sem um ambiente criado para que possa evoluir e desenvolver seu potencial de crescimento e amadurecimento. Caso não haja alguém que cuide do bebê, geralmente a mãe, ele não consegue sobreviver, então, faz-se necessário alguém nesse papel.

O pai participa dos cuidados infantis iniciais como um terceiro elemento, favorecendo um ambiente confortador para a mãe, ele faz parte do ambiente em que o bebê amadurece, em um estado ainda de dependência, porém de forma relativa, da sustentação da mãe para se tornar unitário. Como ele nunca esteve fusionado com o bebê como a mãe, por apresentar suas características masculinas que se diferem da mãe, o pai fornece a primeira configuração de ser total à criança (ROSA, 2009).

Klein (1927b/1981b) e Winnicott (1963/1982), relacionam a qualidade do contato entre mãe e criança e o estabelecimento do vínculo à dedicação e tempo investidos na fase inicial da vida do bebê. Para Winnicott (1965a/1990), é necessária uma grande proximidade, podendo a mãe, até mesmo, prever as necessidades do bebê. Para ele, é no final deste período, que os pais serão bons intérpretes dos sinais transmitidos pela criança.

Na contemporaneidade as funções materna e paterna tem sofrido diversas mudanças, reflexo de uma mudança também na sociedade. Nas escolhas profissionais e atribuições domésticas, por exemplo, homens e mulheres transitam nos mais diversos papéis. Tais acontecimentos emergem reflexão sobre como os pais tem exercido suas funções ligadas à maternidade e paternidade (KEHL, 2001).

## **2 FUNÇÕES PARENTAIS SEGUNDO FREUD, KLEIN, WINNICOTT E BION**

### **2.1 FREUD**

Freud, em 1914, no texto sobre narcisismo, indica que o amor parental refere-se a um retorno e reprodução do narcisismo dos pais. Trata o narcisismo como a ideia do eu como objeto de amor. Para ele, há um narcisismo primário localizado no início da vida, que se estrutura a partir das relações estabelecidas com os cuidadores, normalmente os pais. O narcisismo primário seria a herança do ideal narcísico dos pais.

A criança teria a função de ocupar o lugar do que ficou perdido na vida dos pais, podendo eles, através do filho, recuperar privilégios que tiveram que abandonar, e realizar projetos que não conseguiram anteriormente. Freud valoriza a função reparadora que a criança ocupa no psiquismo dos pais, de suturar suas feridas narcísicas. Assim, pensar na concepção de um filho, coloca em movimento aspectos do narcisismo dos pais. Freud chamou esse lugar no qual os pais costumam colocar os filhos, de “Sua Majestade, o Bebê” (FREUD, 1914/1990).

O autor diz que o narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção ao ego ideal, que é substituto do narcisismo perdido na infância e produto de identificação das figuras parentais e intermediários sociais, que como ego infantil, se acha possuidor de toda perfeição e valor. O indivíduo não está disposto a renunciar à perfeição narcísica de sua infância, o que ele projeta diante de si como sendo seu ideal do ego é o substituto do narcisismo perdido na infância na qual ele era seu próprio ideal.

Freud (1924/1976a) sugere que o lugar designado a um filho para a mulher é resultado de um complicado processo de resolução edípica, diferente do que acontece com o homem. Freud utilizou o mito “Édipo Rei”, que fala sobre o mito universal em que toda criança, em determinada fase, deseja possuir a mãe e matar o pai, concretizando desejos

incestuosos, para retratar um importante conflito que acontece no desenvolvimento da criança e do adulto. O ponto principal do complexo de Édipo é o deslocamento do primeiro objeto de amor.

O autor considerava o complexo de Édipo como fator importante para a identificação da criança com a mãe e com o pai. Para ele, o menino, até certo momento, consegue manter a relação com a mãe e o pai lado a lado, mas quando os desejos sexuais começam a ser mais intensos com a mãe, o pai passa a ser percebido como obstáculo na relação, e a partir disso se instaura o complexo de Édipo. A identificação com o pai é inicialmente hostil e inicia o desejo de livrar-se dele para ocupar seu lugar junto à mãe, mas há também o medo da castração, o que virá a se tornar um dos motivos do menino abrir mão desse desejo.

O Édipo na menina é estabelecido a partir da mudança de objeto libidinal da mãe para o pai, a menina entra no complexo de Édipo, quando há o desejo dela ocupar o lugar da mãe ao lado pai. No entanto, diante da ambivalência sentida pela mãe, o amor por sua rival e por medo de perder esse amor ela abandona o desejo de ter seu pai e abre mão desse lugar. (FREUD, 1925/1976b).

É relatado por Freud (1924/1976a) que não é claro o que levaria a resolução do complexo, então ele apresenta duas hipóteses. A primeira é de que o fim se daria por situações inevitáveis que se opõem ao conteúdo do complexo, como por exemplo, o menino que ganha um irmão e percebe a mãe dirigindo seu amor e cuidado ao novo bebê, ou a menina que pretende ser amada pelo pai acima de tudo e um dia sofre uma dura punição dada por ele, então o Édipo desapareceria por falta de sucesso.

Na fase fálica, onde se torna comum que a criança manipule os próprios genitais e consequentemente descobre a desaprovação dos adultos frente a isso, o medo da castração se

dá por causa das afirmações dos adultos de que lhe roubarão essa parte do corpo tão estimada (FREUD, 1924/1976a).

Freud propõe que o receio pela castração provoca a destruição da organização fálica. Entretanto, o menino precisa passar por outras influências para que se convença desta possibilidade. As experiências anteriores, tais como a retirada do seio e o controle do esfíncter, preparam a criança para a perda de partes estimadas do corpo. Contudo, apenas quando novas experiências são vivenciadas é que ela começa a considerar a ameaça de castração (FREUD, 1924/1976a).

A percepção de que o corpo feminino possui diferenças anatômicas torna esta ameaça possível. Isto acontece, pois para o menino, verificar que um ser semelhante a ele não possui pênis, traz o receio da perda do seu próprio pênis. Ao se deparar com a ausência de pênis na mulher, a criança sente a ameaça de perder seu pênis que desempenha uma função importante para sua satisfação. Deste modo, ela se percebe convocada a escolher entre seu interesse narcísico em manter parte do seu corpo ou permanecer o investimento libidinal nos objetos parentais (FREUD, 1924/1976a).

A primeira escolha costuma ser feita e por meio dessa possibilidade são possíveis as identificações que serão a base para a constituição do Superego responsável por fazer a interdição do Complexo. Espera-se que parte da libido investida no Complexo de Édipo seja sublimada e alterada para os “impulsos de afeição”, preservando o pênis e levando a criança ao período de latência (FREUD, 1924/1976a).

Freud adverte que o Complexo de Édipo precisa passar por um processo superior à repressão. Ele precisa ser destruído, delineando o que pode ser chamado de normal e patológico. Caso este processo fique somente reprimido, ele poderá manifestar-se em um momento posterior (FREUD, 1924/1976a).

Freud chama a atenção para o fato de que até aquele momento suas investigações levaram em consideração apenas as crianças do sexo masculino. Diante disso ele começa a se questionar sobre a possibilidade e a viabilização desse processo nas meninas. Ele afirma que elas passam pelo complexo de Édipo, pela formação do superego e pelo período de latência, como os meninos, mas questiona-se sobre a organização fálica e a estruturação de um possível complexo de castração feminino (FREUD, 1924/1976a).

Confirmando tais indagações por ele mesmo suscitadas, Freud afirma que o clitóris funcionaria como um pênis na menina, porém quando ela se percebe diferente anatomicamente dos meninos, sente-se inferiorizada e injustiçada diante dessa constatação. Essa dinâmica seria o cerne das ramificações às quais Freud denominou “complexo de masculinidade”. Tal complexo se daria pelo fato dessa descoberta proporcionar à menina a visão do pênis, o entendimento de que ela não possui esse pênis, e consequentemente o desejo de possuí-lo, como os meninos o possuem (FREUD, 1924/1976a).

Após confirmar teoricamente a hipótese do complexo de castração feminino, Freud pontua aquilo que de mais essencial estaria na diferença entre meninos e meninas. A menina não sofre o medo da castração como o menino, pois ela imagina não possuir o pênis como ele possui, devido ao fato de já tê-lo perdido anteriormente, diferente do menino que sofre com a iminência da castração. Por isso, na menina, o seu sofrimento, a vivência da castração, estaria assentada na possibilidade da perda do amor de seus objetos libidinais. Ela teme não ser amada (FREUD, 1924/1976a).

Freud também pontua como diferencial que a menina, nesse caso, não assumiria o papel da mãe adotando uma atitude feminina frente ao pai. Contudo, essa renúncia que está implicada na questão do falo que ela não possui, só será tolerada se houver uma compensação por essa disposição, fato que a faz substituir simbolicamente a necessidade do pênis pelo desejo de ter um bebê do pai (FREUD, 1924/1976a).

Além das identificações, a resolução do complexo de Édipo vai gerar modificações no ego, pois a criança terá a autoridade dos pais introjetadas, formando então o superego. A importância das funções materna e paterna é grande, pois esse conflito deve ser vivenciado e não atuado como no mito. Os pais precisam exercer suas funções, suportando os conflitos e rivalidades, e sendo modelo para imitações e identificações.

## **2.2 KLEIN**

Klein não fala diretamente sobre as funções parentais. Ela dá ênfase na construção do mundo interno da criança, o qual será influenciado pelo mundo externo, através de suas projeções e introjeções. Mas essa relação com o mundo externo ocorrerá a partir de sua primeira relação objetal, que é sua mãe. No entanto, o bebê possui um ego rudimentar, havendo assim uma cisão egóica e objetal, diante das frustrações vividas com o meio terrorífico onde nasce.

A mãe é o primeiro objeto de amor e ódio do bebê. Ele a ama nos momentos em que ela satisfaz suas necessidades e a odeia quando seus desejos não são atendidos e ele sente algum tipo de desconforto. Nesse momento, surgem sentimentos agressivos e o bebê é tomado por impulsos de destruir seu objeto de amor, pois acredita que ele tem relação com todos os seus sentimentos, bons ou ruins. Esses sentimentos de ódio e agressividade causam no bebê sensações de sufocamento, falta de ar, dentre outros estados dolorosos, sentidos por ele como capazes de destruir seu corpo, fazendo com que a agressividade e o medo cresçam (KLEIN, 1937/1996).

Klein (1952/1982), enfatiza a função materna no sentido de compreender a vida emocional da criança, juntamente com suas ansiedades e defesas. Diz que nos três primeiros meses de vida da criança há um ego rudimentar, e na amamentação se dão as primeiras relações de objeto.

Melanie Klein considera a inveja uma expressão sádico-oral e sádico-anal de impulsos destrutivos, em atividade desde o começo da vida e com base constitucional. A inveja é uma emoção arcaica que surge no momento em que o bebê percebe-se impotente perante sua mãe ou cuidador, no que se refere ao seu bem-estar. O primeiro objeto a ser invejado é o seio nutridor, pois o bebê sente que o seio possui tudo o que ele deseja e que tem um fluxo ilimitado de leite e amor que guarda para sua própria gratificação (KLEIN, 1959a/1991a). Ou seja, a mãe é o primeiro objeto de amor e de ódio do bebê, o primeiro objeto a ser invejado. E esses sentimentos terão forte influência na integração egóica do bebê.

Uma criança com forte capacidade de amor e gratidão tem uma relação profundamente enraizada com o objeto bom, podendo suportar, sem ficar profundamente danificada, estados temporários de inveja, ódio e ressentimento, os quais surgem mesmo em crianças que são amadas e recebem bons cuidados maternos, diferente do bebê, que devido sua inveja, foi incapaz de construir seguramente um objeto bom interno (KLEIN, 1959a/1991a).

Um dos principais derivados da capacidade de amar é o sentimento de gratidão. A gratidão é essencial à construção da relação com o objeto bom e é também o fundamento da apreciação do que há de bom nos outros e em si mesmo. A gratidão tem suas raízes nas emoções e atitudes que surgem no estágio mais inicial da infância, quando para o bebê a mãe é o único e exclusivo objeto. Os impulsos destrutivos, especialmente uma forte inveja, podem num estágio inicial perturbar essa ligação com a mãe. Se a inveja do seio nutridor é forte, a gratificação sofre interferência porque é característico da inveja despojar o objeto daquilo que ele possui e estragá-lo (KLEIN, 1959a/1991a).

Todas as emoções estão ligadas ao primeiro objeto, à mãe, inicialmente ao seio, já que existe apenas a percepção de objeto parcial. Se os impulsos destrutivos, a inveja e a ansiedade paranóides são excessivos, o bebê distorce e amplia todas as frustrações de fontes



externas, e o seio materno se transforma predominantemente em um objeto persecutório, interna e externamente. Nem as gratificações reais podem contrabalançar suficientemente a ansiedade persecutória. É necessário a introjeção de um objeto bom, tornando possível a integração e reforço do ego, tornando-se capaz de vivenciar culpa e sentimentos de responsabilidade. A síntese do objeto se faz, havendo, portanto uma diminuição do ódio pelo amor, e a voracidade e a inveja, perdem a força (KLEIN, 1959a/1991a).

Klein supõe que o ego existe e opera desde o nascimento, sendo um ego rudimentar o bebê sente o meio externo como perseguidor, que lhe causa frustrações, e tem importante tarefa de defender-se contra a ansiedade, então ele inicia alguns processos, como a introjeção e a projeção. A introjeção significa que o mundo externo, seu impacto, as situações que o bebê atravessa e os objetos que ele encontra não são vivenciados apenas como externos, vem a fazer parte de sua vida interior. (KLEIN, 1959b/1991b).

A projeção é uma reação arcaica que nas fases iniciais do desenvolvimento ocorrem de forma automática. O amor e o ódio projetados na mãe estão fortemente ligados à capacidade do bebê de projetar seus sentimentos de frustração e gratidão sobre ela, transformando-a em um objeto bom e ao mesmo tempo perigoso. A introjeção e a projeção, embora enraizadas na infância, não são apenas processos infantis, continuam através da vida e transformam-se no decorrer da maturação, sem nunca perder sua importância na relação do indivíduo com o mundo a sua volta (KLEIN, 1959b/1991b).

O ego infantil tende a cindir impulsos e objetos, uma das atividades primordiais do ego. Essa tendência resulta em parte do fato de faltar em grande medida coesão ao ego arcaico, mas a ansiedade persecutória reforça a necessidade de manter o objeto amado separado do objeto perigoso e, portanto, a necessidade de cindir o amor do ódio, pois a autopreservação do bebê depende da sua confiança em uma mãe boa (KLEIN, 1959b/1991b).

Através da satisfação de seus desejos pela mãe, pelo seio bom, o bebê se alivia desses estados dolorosos. Vivencia uma sensação temporária de segurança, que se torna um componente importante da satisfação obtida quando se recebe amor.

Os impulsos e sentimentos do bebê são acompanhados pela construção da fantasia, que depois se transforma na atividade mais elaborada da imaginação. As fantasias arcaicas do bebê são de tipos variados. Uma satisfação pode trazer fantasias agradáveis, e frustrações fantasias destrutivas. Quando é frustrado no seio, tem a fantasia de atacá-lo, mas se está sendo gratificado, passa a amá-lo e tem fantasias agradáveis em relação a ele (KLEIN, 1937/1996).

Em suas fantasias agressivas, o bebê deseja morder e despedaçar a mãe e seus seios. Essas fantasias destrutivas equivalem a verdadeiros desejos de morte advindos de suas experiências de frustração. O bebê vivencia como se estivesse acontecido o que ele desejou na fantasia, como se realmente tivesse destruído a mãe (KLEIN, 1937/1996).

Como auxílio contra o medo de destruir o objeto, o bebê vivencia fantasias onipotentes de caráter restaurador. Se ele fantasia que despedaçou a mãe, logo fantasia que está juntando os pedaços e restaurando-a. Mas isso não elimina por completo o medo de ter destruído o objeto, gerando assim um sentimento de culpa inconsciente (KLEIN, 1937/1996).

A preocupação com o objeto amado é percebida até mesmo em crianças pequenas. Na mente inconsciente infantil ou adulta, junto aos impulsos destrutivos há grande desejo de fazer sacrifícios, com o objetivo de ajudar e restaurar as pessoas feridas ou destruídas na fantasia. Inconscientemente, o desejo de deixar as pessoas felizes tem relação com a sensação de responsabilidade e preocupação com elas, manifestada pela solidariedade com as pessoas (KLEIN, 1937/1996). O mais importante com a teoria kleiniana é a importância que ela dá ao

mundo interno da criança para projeção no mundo externo, o qual influenciará na construção do mundo interno, pela introjeção.

A relação do bebê com a mãe é a fonte original e mais importante de bondade que ele recebe do mundo exterior. É muito doloroso pra ele deixar de lado a satisfação de ser alimentado por ela. Mas, se sua voracidade e ressentimentos não forem grandes demais, ele é capaz de se desligar gradualmente da mãe e se satisfazer através de outras fontes (KLEIN, 1937/1996).

Quanto maior o sucesso com que isso se realiza, menos ódio e voracidade serão apresentados na mente do bebê. Porém, o sentimento de culpa inconsciente, criado como consequência das fantasias de destruir a mãe, desperta a pulsão de curar esses danos imaginários e fazer reparações (KLEIN, 1937/1996).

A pulsão de fazer reparação pode manter afastado o desespero criado pela culpa, fazendo com que a esperança prevaleça e o amor do bebê, assim como seu desejo de fazer reparação, sejam carregados inconscientemente para novos objetos de amor (KLEIN, 1937/1996).

### **2.3 WINNICOTT**

Através de sua prática como pediatra e psicanalista, Winnicott percebeu que grande parte dos problemas emocionais de um indivíduo parecia derivar de etapas precoces do desenvolvimento. Estudou muito a relação mãe-bebê, pois para ele a saúde mental é moldada na primeira infância pela mãe ou cuidador, por meio do ambiente que será oferecido ao bebê.

Para ele um bebê não existe sozinho, onde há um bebê, há uma mãe, há uma maternagem, pois um bebê não pode ser pensado sem alguém que exerça a função materna e sem um ambiente, criado por essa mãe ou cuidador. Ambiente esse que permitirá que o bebê crie recursos para se desenvolver e amadurecer fisicamente e emocionalmente (WINNICOTT, 1965a/1990).

A base da vida emocional está nos acontecimentos da primeira infância, fase em que a criança é sensível ao meio em que vive. Há o ambiente não suficientemente bom, que atrapalha o desenvolvimento do bebê e o ambiente suficientemente bom, que possibilita um desenvolvimento saudável. O ambiente, físico e emocional, saudáveis são representados pela mãe suficientemente boa, teoria essa desenvolvida por Winnicott. (WINNICOTT, 1956/1978).

A mãe suficientemente boa se trata de uma mulher comum, mas que pouco antes e depois do parto se encontra em um estado de sensibilidade exacerbada que lhe dá condições para se identificar com seu bebê, podendo traduzir suas necessidades em ações que levem a satisfação. Esse estado é chamado de preocupação materna primária. É um estado de verdadeira fusão emocional entre mãe e bebê (WINNICOTT, 1956/1978).

Nesse momento é extremamente importante um pai presente para sustentar essa dupla mãe-bebê. A qualidade da presença do pai no ambiente vai moldar o estado emocional da mãe, seu sentimento de proteção e amparo depende muito do que o pai será capaz de fornecer. Para Winnicott, a mãe e o pai juntos compõem o ambiente total que o bebê necessita para se desenvolver, ainda que o papel do pai não seja diretamente com o bebê. O pai ajuda a mãe a ser mãe, ele oferece com sua presença efetiva condições para a mãe se tornar uma mãe suficientemente boa.

Esse estado tem duração de algumas semanas após o nascimento do bebê e dificilmente as mães se recordam do que passaram enquanto estavam nele. Winnicott diz que a memória das mães a esse respeito tende a ser reprimida. É um período natural e necessário para que a mãe consiga se adaptar às necessidades do bebê e se identificar com ele, identificação extremamente importante para o estabelecimento das relações objetais. Tal identificação transforma as necessidades do bebê em comunicação (WINNICOTT, 1956/1978).

Quando a mãe não entra nesse processo de preocupação materna primária, ela tende, futuramente, a querer compensar o tempo perdido por meio da superproteção. Será uma tentativa de corrigir as distorções do início. E ainda, terá que passar por um período prolongado dedicado as necessidades do bebê para poder se adaptar, ou seja, mimar a criança.

Estar nesse estado de preocupação materna primária se faz importante, tendo em vista que o bebê se vê através do olhar da mãe, ele funciona como um espelho. Se ela estiver deprimida ou preocupada com algo, o bebê verá apenas um rosto frio e sem vida. Assim, o bebê não recebe de volta o que está dando, passa a reagir contra uma ameaça, perdendo assim a naturalidade (WINNICOTT, 1956/1978).

Quando o bebê nasce necessita da mãe ou cuidador para realizar seu processo de integração egóica, pois ele é formado por um conjunto de instintos e pulsões desorganizados. Encontra-se em um estado de dependência absoluta e depende da mãe suficientemente boa para propiciar um ambiente facilitador para integração de fragmentos de realidade apresentados por ela, capacitando o bebê a lidar com eles (WINNICOTT, 1945/1993).

O bebê possui potenciais hereditários e tendência à integração e independência, que desenvolvidos por um ambiente suficientemente bom, abre espaço para a experiência ilusória. Tal área de ilusão facilita o caminho para maior relação com a realidade externa, apresentada gradativamente pela mãe (WINNICOTT, 1963/1982).

Falhas naturais da mãe fazem com que surja a angústia de separação e a criança se utilize de algum objeto (fralda, brinquedo, polegar) para preencher tais lacunas. Esses objetos, chamados de objetos transacionais, servem de mediadores entre o mundo externo e o mundo interno, ajudando o bebê na transição da dependência absoluta, a dependência relativa, rumo à independência (WINNICOTT, 1951/1971).

O processo de desenvolvimento saudável vai depender de um ambiente facilitador que possibilite a criança a desenvolver seus potenciais. É nesse ambiente proporcionado pela mãe que o bebê se desenvolve. Ela é responsável pelo cuidado físico e afetivo necessários, pois é a forma de afeto que o bebê consegue reconhecer. Esse cuidado físico e emocional é chamado de *holding*, que está ligado ao *handling*, que é o manejo cuidadoso com que a relação positiva vai sendo construída pela mãe. O contato físico estabelecido pelo manejo levará a criança a reconhecer o seu próprio corpo e a si (WINNICOTT, 1965b/2001).

Ao longo do processo de integração, a mãe, ao cuidar do bebê, estará oferecendo o *holding* e o *handling*, em um ambiente seguro, confiável e equilibrado, assim a criança ao ter a sensação de segurança e confiabilidade pode vir a se integrar gradativamente, integração física e egóica. O bebê tem capacidade de suportar angústias e frustrações durante o desenvolvimento se ele tiver uma mãe suficientemente boa para lhe propiciar um ambiente seguro, mas se o ambiente não for suficientemente bom, haverá falha no desenvolvimento (WINNICOTT, 1965b/2001).

A mãe é responsável também pela apresentação dos objetos para a criança, ela começa a mostrar-se substituível e a proporcionar o encontro com novos objetos e a criação destes, que se enquadrarão melhor ao estado de desenvolvimento da criança no momento. Tal fase é também chamada de “realização”, pois torna real o impulso criativo da criança e o início da introdução do mundo da realidade compartilhada para o bebê (WINNICOTT, 1965b/2001).

Sobre a função paterna, Winnicott (1957/1964b), diz que é necessário ao pai dar apoio a mãe. Cabe a ele sustentar a ordem que a mãe implanta na vida da criança. Ele acaba representando um aspecto da mãe que é severo, duro, indestrutível, se tornando alguém que pode ser temido, odiado, amado, respeitado.

Em seu trabalho intitulado “What about father?”, Winnicott (1957/1964b), coloca questões apresentadas pelas mães de que, devido ao trabalho, o pai poucas vezes estava em casa quando o filho estava acordado, e mesmo as mães preferiam dar banho, comida e fazer o bebê dormir antes do pai chegar do trabalho. Porém, ele acreditava que a divisão do cuidado pelo casal, enriqueceria o vínculo conjugal e, conseqüentemente, a família. Consentia que as mães ajudassem os maridos no processo de aproximação dos filhos, assumindo atividades ou mesmo assistindo algumas das tarefas dela com o bebê. Winnicott fez referência ao pai para além da provisão. Atribuiu ao pai a mesma condição de espelho inicialmente assumida pela mãe, através da qual a criança poderia reconhecer-se e sentir-se real (FERREIRA; AIELLO-VAISBERG, 2006).

## 2.4 BION

Bion (1967/1994), fala da importância da mãe com sua capacidade de continência das angústias e das vivências de desamparo do bebê, capacidade de *réverie*, onde o aparelho psíquico se encontra em formação e não apresenta capacidade de conter, elaborar e pensar. A partir da noção de identificação projetiva de Klein, Bion concluiu que para todo conteúdo projetado deve haver um continente receptor.

O termo continente se refere a uma condição de disponibilidade para receber um conteúdo que necessita ser contido, formado por uma carga projetiva de necessidades, angústias, desejos e medos. Zimermann (2004/2008), diz que os fatores que compõe a continência da mãe em relação às identificações projetivas do filho são: acolher, conter, decodificar, transformar, elaborar e devolvê-las nomeadas e significadas.

Bion apresenta também o conceito de *rêverie*, que segundo Zimermann (2004/2008), é comumente utilizado na literatura com significado semelhante ao de continente e holding, de Winnicott. *Rêverie* vem do francês e significa sonho. Segundo

Zimmerman (2004/2008), diz respeito a uma condição da mãe de captar o que se passa com seu filho através de um estado de sonho e intuição, mais do que através de órgãos do sentido. É a capacidade de fazer ressonância com o que é projetado nela pelo filho. Bion expandiu o conceito de identificação projetiva de Klein.

A mãe que desenvolve a função de rêverie, consegue acolher, conter e fazer repercursão com o que é projetado dentro dela, dando sentido aos elementos beta (matéria não digerida) maciçamente projetados e devolvendo em elementos alfa (qualidade da personalidade para lidar com experiência emocional da modo criativo e pessoal) nomeados e significados. Podendo-se pensar que a experiência emocional depende da díade mãe-bebê (BION, 1962/1991).

Em sua teoria sobre o pensamento, Bion (1967/1994), relaciona a função materna à função de pensar. Diz que o pensar surge como uma forma de lidar com a frustração. Se o ódio resultante da situação de desapontamento for menor do que a capacidade do ego de suporta-lo, será uma forma sadia de desenvolver o pensamento por meio do que Bion chamou de função Alfa. Porém, se o ódio for excessivo, protopensamentos denominados por Bion de elementos Beta encontrarão uma saída e se transformarão em agitação motora e somatização do ódio.

Ele diz que em alguns bebês há uma disposição constitucional inata com predomínio pulsional destrutivo, capaz de forte inveja e voracidade, aliada ao baixo limiar de tolerância à frustração, faz surgir uma pré-condição de atacar tudo de que ele depende. Bion explica que é através da capacidade de continência materna e da rêverie que se dará o destino da força destas pulsões agressivas no universo mental do bebê. Então, a capacidade de pensar da criança tem relação com a quantidade de frustração que ele consegue suportar, e tal tolerância depende da forma com que o seu cuidador recebe suas identificações projetivas, ou seja, desempenha a função de continente e rêverie (BION, 1967/1994).



Para que a experiência de frustração se transforme em crescimento, é necessária uma atitude de reconhecimento da ausência da satisfação, da necessidade de recursos para consegui-la, e a decisão de enfrentá-la. No bebê, á principio, as sensações são percebidas como satisfação ou insatisfação, no decorrer do desenvolvimento, quando a criança vai amadurecendo, desenvolve recursos do ego como a capacidade de postergar e de tolerar frustrações. Essa experiência de frustração mediada pela mãe permite á criança desenvolver a capacidade de tolerar, conter e trabalhar os próprios conteúdos mentais e discriminação eu-outro, mãe-pai. Assim, a rêverie materna faz-se necessária para o desenvolvimento da capacidade de pensar (BORGES, 2005).

A função materna para Bion (1967/1994), tem o papel de traduzir as diversas percepções sensoriais e emoções do bebê, dando-lhes sentido para que possam se tornar útil para serem pensados. A função materna é mediadora no processo de simbolização, de nomeação e de dar sentido às experiências do bebê.

A capacidade de desempenhar as funções materna e paterna é influenciada pela capacidade de aprender com suas próprias experiências emocionais nas vivências com os filhos. O desenvolvimento de tais funções se dá em meio de muitas turbulências, então se faz necessário o que Bion chamou de *capacidade negativa de tolerar não saber a priori*, e também de tomar consciência de que há muita repetição dos modelos vivenciados com os próprios pais na infância (BORGES, 2005).

### 3 MUDANÇAS DAS FUNÇÕES PARENTAIS NA CONTEMPORANEIDADE

#### 3.1 CONTEXTO HISTÓRICO DAS MUDANÇAS NA FAMÍLIA

Elisabeth Roudinesco (2003), em sua obra “*A família em desordem*”, discorre sobre o caminho da história da construção da família, passando por percursos psíquicos, políticos e econômicos importantes para a construção dessa instituição até a contemporaneidade. Sobre a família ocidental, destaca três períodos importantes caracterizados por diferentes formas de organização familiar. Primeiramente, é formada a família tradicional baseada na preocupação de transmissão do patrimônio. Em seguida, a constituição da família passa a ser pautada como fruto do amor romântico. Já a família contemporânea, é fundamentada no amor e no prazer, com uma característica diferente do que se era comum, a atemporalidade, a união passou a durar enquanto existisse amor e prazer.

Roudinesco (2003), compara a figura paterna da família tradicional com a figura de Deus do velho testamento. Era a figura de um herói, guerreiro e que jamais tinha sua autoridade contestada. Diante das transformações econômicas e políticas, a autoridade paterna imposta pela força vai perdendo espaço e a imagem paterna, agora semelhante à de Deus do novo testamento, de um pai amoroso, amado, tolerante e respeitado começa a ser cobrada. Neste novo modelo de família, o pai vai perdendo sua autoridade e começa a surgir a figura do feminino.

O pai do início do século XIX se encontra fragilizado devido a perda do lugar de soberania e, conseqüentemente, de influência sobre o estado. Então, ele busca se fortalecer através da economia. Assumiu a defesa da família contra o capitalismo e a defesa do operário, lhe fornecendo serviço e assistência básica. É então que surge a família econômico-burguesa, fundamentada na autoridade do marido, subordinação da mulher e dependência dos filhos. Porém, agora sua autoridade é regulamentada pela lei. O estado começa a participar e intervir na vida familiar (ROUDINESCO, 2003).

As novas configurações exigiam do pai justiça, submissão à lei e respeito aos direitos. Da mulher era exigido o papel de exercer a função de mãe. Diante disso, o casamento perde a natureza divina e se consolida como um acordo entre o homem e a mulher, com duração relativa à durabilidade do amor (ROUDINESCO, 2003).

Os direitos e deveres adquiridos impuseram ao pai o dever de respeitar os direitos dos filhos, tendo como consequência, caso não cumprisse, o risco de perder o direito de ser pai. Isso causou na sociedade medo de que as mulheres dominassem, porém esse medo não atingiu Freud. Roudinesco acredita que a teoria do complexo de Édipo criada por Freud abalou e reestruturou a família do século XIX (ROUDINESCO, 2003).

Para Roudinesco, ao colocar o complexo de Édipo como uma estrutura psíquica universal, Freud universalizava também o modelo conjugal que se fundamentava no desejo e não mais nas conveniências familiares. Para a psicanálise, o amor e o desejo, o sexo e a paixão, agora faziam parte do matrimônio. A partir disso, a família se sustentava na revolução da afetividade, no lugar preponderante concedido ao filho e na prática de uma contracepção espontânea, rompendo a relação do desejo sexual com a procriação e permitindo a família uma organização mais individual (ROUDINESCO, 2003).

Os papéis na família novamente se modificam, o pai se tornou mais abstrato, contando apenas com o patrimônio para afirmação de seu lugar simbólico. O filho toma parte de uma posição central na família, deixando de ser visto como objeto e passando a ser desejado como forma de continuidade dos pais. A mulher tem sua emancipação ampliada, principalmente no que diz respeito à sexualidade, tendo o prazer dissociado da procriação, deixando de ser apenas esposa e mãe, se individualizando. Para Roudinesco, a família não se dissolveu, mas se reorganizou, e a família do futuro precisa ser continuamente reinventada (ROUDINESCO, 2003).

### 3.2 FAMÍLIAS DA CONTEMPORANEIDADE

Na segunda metade do século XX, houve uma mudança de pensamentos e posturas, que desencadearam mudanças de valores e, conseqüentemente, de cultura na sociedade. Diante da necessidade econômica, as mulheres passaram a trabalhar fora e aos poucos foram ampliando o campo de trabalho e passaram a participar de diversas atividades educativas, profissionais, culturais, artísticas e políticas. Passou a ingressar em maior número em universidades o que a levou a passar mais tempo fora de casa (HINTZ, 2001).

Devido à saída dos pais para desenvolverem suas atividades profissionais, outros meios tiveram que ser adeptos para o cuidado com os filhos. Surgiram as creches e o cuidado passou também a ser desenvolvido por pessoas mais velhas, geralmente avós. A educação das crianças passou a ser exercida não somente pelos pais. A estrutura das famílias, agora menor, passa a receber interferências externas positivas e negativas, com as quais estará interagindo constantemente (HINTZ, 2001).

A família passou a conviver também com os resultados dos avanços tecnológicos. Computadores, celulares, internet, dentre outros, surgiram e desafiam o relacionamento e a comunicação dos familiares. O tempo dedicado à família, o lazer, a rotina, a interação entre pais e filhos e a privacidade tiveram que ser reformulados (HINTZ, 2001).

A introdução do celular no cotidiano gerou grandes mudanças. As pessoas passaram a ser encontradas a qualquer momento. Os pais, onde quer que estivessem, poderiam saber o que o filho precisava e onde estava. Outro avanço foi o fácil acesso a internet, que contribui positivamente em diversos aspectos da comunicação e informação, mas tem gerado também afastamento tanto da convivência conjugal, como da relação com os filhos (HINTZ, 2001).

A grande mudança gerada pela autonomia da mulher gerou mudanças também nas funções masculinas. Elas passaram a tomar o lugar de “chefe da família”, ocupado

anteriormente apenas pelos homens. Essa posição pode ser tanto a origem quanto a consequência das mudanças familiares (HINTZ, 2001).

Segundo Vaitsman (1994), “... o que caracteriza a família e o casamento numa situação pós-moderna é justamente a inexistência de um modelo dominante, seja no que diz respeito às práticas, seja enquanto um discurso normatizador das práticas”.

Tem crescido o número de famílias que fogem do padrão clássico estabelecido anteriormente, como as famílias monoparentais, formadas apenas por um dos pais. Na maioria das vezes formada apenas pela mãe e filhos, porém, o número de homens que assumem a parentalidade sozinhos tem crescido. Essas famílias podem enfrentar dificuldades justamente por um dos pais ter que desenvolver as funções parentais sozinho (HINTZ, 2001). Pois como visto no decorrer do trabalho, é de extrema importância que a função materna e a função paterna sejam desenvolvidas para que haja um desenvolvimento saudável do bebê.

Outro modelo de família que tem crescido é a família reconstituída, onde casais com filhos se unem e geram também filhos dessa união. Esse modelo de família tem sido considerado frágil e instável devido a falta de recursos internos para ressignificarem a família. Há dúvidas em relação ao papel estabelecido por cada um no novo lar. Essa família necessita de maior investimento dos membros para desfrutar de um ambiente harmônico e saudável. Essa dinâmica é evitada por alguns casais, optando por manter a relação, porém cada um vivendo em sua própria casa, evitando assim conflito com os filhos (HINTZ, 2001).

Tem se tornado comum também a família constituída por casais sem filhos por opção. Os indivíduos têm avaliado suas necessidades individuais, priorizando ascensão profissional e independência social e financeira. Há também as famílias unipessoais, denominada por pessoas que optam por um espaço físico individual. Escolhem buscar pela independência individual, estudar fora de seu lugar de origem, oportunidades de trabalho, dentre outras coisas (HINTZ, 2001).

Segundo Fisher (1995), o que é puramente novo na família contemporânea é o predomínio de pessoas solteiras e divorciadas, e de viúvos e viúvas vivendo sozinhos. Anteriormente, as pessoas viúvas conviviam com os filhos adultos e netos sem tensões ou conflitos. Atualmente, quando possuem recursos e saúde, escolhem viver em suas casas.

A família muitas vezes vê-se confusa diante de suas próprias transformações nesta época de tantas modificações. O indivíduo, ao nascer, recebe de um sistema familiar todas as influências culturais do momento em que vive, juntamente com as informações transmitidas através das gerações. É necessário, então, desenvolver recursos para poder elaborar em si mesmo os novos comportamentos, ideias, sentimentos e valores, integrando-os adequadamente (HINTZ, 2001).

Independente da configuração, as funções parentais são insubstituíveis, pois através delas que o ser humano se constitui. Se houver para o bebê alguém que desempenhe a função paterna e se responsabilize amorosamente pela função materna, a família terá condições de estruturar edipicamente o sujeito. É nessa estrutura que a criança vai se indagar sobre o desejo que a constitui, e dar de encontro com o enigma de seu próprio desejo (LIMA; POSTIGO, 2016).

A família deve representar o papel de interdição do incesto. A partir disso, o papel da família na contemporaneidade é de preparar a criança para suas responsabilidades no convívio social (KEHL, 2003).

As desordens da família não podem impedir que ela seja reivindicada como único valor seguro ao qual ninguém quer abrir mão. O princípio da autoridade no qual a família sempre se baseou está em crise, pois houve declínio das referências patriarcais como exército, igreja, nação, partido, e a família parece ser a única capaz de favorecer o surgimento de uma nova ordem simbólica (ROUDINESCO, 2003).

A partir da discussão sobre o declínio da função paterna, a crise de autoridade, as consequências das diferentes formas de parentalidade e as novas formações de família, é possível dizer que falar do declínio da função paterna na vida social é falar de todas as mudanças operadas na cultura contemporânea, e o desafio da contemporaneidade é saber como cada sujeito vai fazer seu laço social e fabricar sua montagem subjetiva (LIMA; POSTIGO, 2016).

Através da psicanálise, é possível saber que é no laço social e no encontro com o outro que o sujeito se constrói subjetivamente, compreendendo o outro-família como mensageiro da cultura, leis e tradições, e a partir da família que se instauram os desejos e acesso ao mundo simbólico. É por meio desses aspectos que a psicanálise entra em contato com o sujeito e as famílias da contemporaneidade, pois, a ideia de Freud dos complexos de Édipo e castração, opera na entrada do sujeito no universo simbólico, nas leis de parentesco, nas normas sociais e jurídicas e nos determinantes da cultura (POSTIGO, 2010).

#### **4 CONSEQUÊNCIAS DAS FALHAS NO DESENVOLVIMENTO DAS FUNÇÕES PARENTAIS**

As falhas no desenvolvimento das funções parentais geram grandes consequências na saúde emocional dos filhos. Para Lipovetsky (2004), o grande problema da contemporaneidade é a fragilização dos indivíduos que fazem parte de uma sociedade complexa e paradoxal, carente de antigas formas de coesão social. Ele aponta o paradoxo da sociedade que se mostra super funcional do ponto de vista científico e tecnológico, e disfuncional na construção de formas de convivência, com o crescimento de patologias, criminalidade e violência.

Bleichmar (1994), retrata o sintoma da criança como sendo o sintoma da mãe, do casal ou da família. Kupfer (1994) classifica os sintomas como estruturais e reativos, ele difere o que são consequências do próprio indivíduo daquele que é um sintoma dos pais. Os estruturais são constitutíveis do próprio sujeito e dizem respeito a ele mesmo. Os reativos, ou manifestações sintomáticas, são os sintomas indicados como produto da organização parental inconsciente e se constituem como resposta da criança às neuroses dos pais.

Segundo Rosenberg (1994), o sintoma é levado ao consultório como uma máscara, ocultando o acontecimento perturbador ou o texto original. Um sintoma permite encontrar a palavra perdida, o “não dito” do discurso parental. Os filhos expressam em seus sintomas os impasses de seus pais e, ao mesmo tempo, sofrem com as falhas no desempenho de suas funções parentais.

Diante de tudo que foi descrito acima relatarei um caso clínico que atendi durante 10 semanas, onde esses sintomas são bem claros. João tinha doze anos, era o mais velho de quatro filhos. Foi encaminhado para terapia pela escola com a queixa de indisciplina escolar e comportamentos opositores, como não obedecer a ordens e regras, tanto na escola, como em casa. Não obedecia a ordens e a regras e apresentava comportamentos agressivos. Não fazia as tarefas nem copiava o conteúdo passado pela professora.



A entrevista inicial foi realizada apenas com o pai, o qual relatou que a escola exagerava nos relatos sobre o filho e que ele não era “esse monstro que eles diziam”. Em seu discurso dizia mais sobre sua relação com a esposa do que com o João. Reclamava que havia sido impedido de cuidar dele pela sogra e pela esposa, e que havia sido traído por ela.

Em uma sessão com o pai e a mãe presentes, esses fatos puderam ser esclarecidos. A mãe relatou que não o deixava cuidar do filho porque ele apresenta problemas com alcoolismo. Em dados momentos o pai abandona a casa e volta depois de três a quatro dias. Por isso não confia em seus cuidados, então o impedia de qualquer proximidade com o filho. Atualmente, a mãe é professora tem uma carga horária de trabalho de sessenta horas semanais e o pai que cuida de João e do outro filho de oito anos. Ainda possuem um outro filho de quatro anos e uma filha de dois anos, os quais ficam com a avó. A mãe disse permitir que eles fiquem com o pai, pois seria muito trabalho para a avó ficar com os quatro. O casal apresenta uma relação muito conflituosa desde o início do casamento, que se deu devido a gravidez do paciente em questão. Brigam muito na frente das crianças, tendo o pai já chegado a quebrar diversos objetos de casa durante uma briga na frente das crianças.

Muitos pais e mães na contemporaneidade falham em sua tarefa de educar os filhos. Se a criança não pode contar com uma mãe suficientemente boa, adequada a lhe facilitar progressivamente a descoberta do meio, se não pode contar com um pai capacitado a lhe fornecer um ambiente forte, que dê suporte à mãe e limite sua relação com a criança, esta não parará de sustentar sua tendência antissocial, perderá seus referenciais identificatórios e findará por responder ao meio através da violência (VILHENA; MAIA, 2002).

No caso de João, as funções parentais não têm sido desenvolvidas de forma saudável. O pai não funcionou como suporte para mãe e não tem funcionado como transmissor da lei e da moral. Freud diz que os pais são os modelos de identificação e imitação dos filhos. O ambiente em que este paciente está inserido é de muita violência, falta

de respeito e intolerância, então é com isso que ele tem se identificado e consequentemente, reproduzido.

No relato da mãe sobre o paciente, ela diz que João sempre fez de tudo para atormentá-la. Desde a barriga ele só se mexia quando ela deitava para dormir, o que a impedia de descansar. Agora crescido, João faz as coisas com lentidão só para irritá-la e apronta muito. Um dia defecou na roupa, sentado na cadeira do computador, só para ela ter de limpar. Ele se explicou relatando estar com dor de barriga, mas ela não acreditou. Disse também já ter batido muito nele, a ponto de ficarem marcas pelo corpo.

Winnicott considera a agressividade como um movimento natural. O agitar de braços de um feto na barriga é somente um movimento que, por acaso, encontra a barriga, e não um soco. O mexer de pernas é somente um movimento instintual e não um chute, não possuem intencionalidade de ato agressivo. A mãe é quem vai significar esses movimentos como algo criativo ou limitá-los. No caso do paciente, a mãe significava como algo negativo e agressivo. Como forma de machucá-la. E continuou significando os atos do filho dessa maneira no decorrer de seu desenvolvimento.

Quando dei início às sessões com João, ele apresentou muita resistência. Não demonstrava interesse de brincar ou conversar. No decorrer das sessões foi aceitando alguns jogos, e se mostrava satisfeito principalmente em momentos que me fazia perder. Seu interesse maior nos jogos não era ganhar, mas sim me fazer perder. Achava graça e eu reagia naturalmente, suportando sua agressividade. Ele andava com uma pochete que continha diversas coisas, dentre elas o pedaço de uma lâmina que ele tinha orgulho de mostrar. Tinha mania de mexer em machucados ainda não cicatrizados, ferindo-os ainda mais.

Freud diz que a agressividade é inata, como o amor. Porém, a atitude da criança para com esses impulsos definirá o destino da agressividade e sua capacidade de amar (ABADI, 1998). É a oportunidade de reparação, como descrita por Klein (1996), que faz possível para a criança a confiança em sua atitude amorosa, beneficiando a obtenção da capacidade de preocupar-se com o outro, enquanto se faz responsável pelos próprios impulsos destrutivos.

Pelo histórico familiar do paciente, não havia espaço para reparação nas relações. Os impulsos agressivos eram apenas lançados, o que pode ter influenciado na sua falta de capacidade em enxergar e se importar com o outro em sua escola, em sua casa com seus irmãos e avós, e nos diversos ambientes que frequentava. O paciente estava preso à posição esquizo-paranóide, onde as defesas como cisão e projeção não permitem que haja uma coesão egóica e assim uma percepção e aceitação do objeto como sendo bom e ruim (objeto total) e ainda, poder suportar a separação do objeto e respeitá-lo. Sem possibilidade de reparação, já que possui um ego imaturo e cindido, permanecia a culpa, podendo-se pensar os atos destrutivos contra si como consequência disso.

Winnicott (1987), em “Aspectos da delinquência juvenil”, diz que uma criança normal, se tem confiança no pai e na mãe, obtém sobressaltos constantes. E é comum que utilize seu poder de desunião, de destruição, tentar amedrontar, cansar, desperdiçar, seduzir e apropriar-se das coisas. Se o lar for capaz de suportar as ações da criança para desuni-lo, ela acaba se acalmando através de brincadeiras. Para Winnicott, a família deve ser capaz de suportar o indivíduo e sua agressividade.

É evidente na atualidade uma falha da família no desenvolvimento de seu papel contenedor dos impulsos agressivos da criança. Para Winnicott, o ato agressivo funciona como um pedido de ajuda. É uma declaração de esperança no meio. É a procura de limite e acolhimento. Porém, tal comunicação, bastante subjetiva, não é entendida pela sociedade e

acaba não sendo tratada com sua devida importância. Um exemplo disso é o fato da mãe do paciente relatado no texto ter suspenso a análise dela e do filho por falta de tempo para comparecer às sessões, o que me sugere uma enorme incapacidade em pensar em suas limitações diante da maternidade, ou ainda, não possui espaço interno para lidar com as questões que se apresentariam tanto em sua terapia como no acompanhamento psicológico de seu filho. Impedindo assim um tratamento preventivo para saúde mental de seu filho, que poderia durante esse trabalho desenvolver recursos para tolerar as frustrações do mundo externo.

## CONCLUSÃO

Diante do exposto, pôde-se perceber que exercer as funções parentais é se dedicar a um processo que passa por angústias, transformações, subjetividade de ambos os pais e, ainda, exigências da contemporaneidade. É nessa relação que a criança encontra seus modelos para imitações e identificações. Será a partir de um ambiente facilitador, proporcionado pelos pais, que a criança desenvolverá seus potenciais.

Houve grandes mudanças e avanços na contemporaneidade e a família começou a ser influenciada por elas. A inserção da mulher no mercado de trabalho e, consequentemente, a diminuição do tempo da mãe para com os filhos, a aproximação do pai nos cuidados com a criança, e a tecnologia, que tem desafiado a comunicação familiar, todos esses são fatores novos da sociedade moderna. Os quais foram grandes avanços e conquistas. No entanto, os laços familiares devem ser preservados de forma saudável, pois é a partir deles que o sujeito tem acesso a cultura, leis e se instaura o acesso ao mundo simbólico. Afinal, o limite é estruturante para mente humana.

Muitas são as consequências das falhas na execução das funções parentais. Os sintomas dos filhos expressam os impasses familiares. O caso clínico apresentado no trabalho demonstra a agressividade em uma criança decorrente da falha das funções parentais, no não acolhimento de seus impulsos agressivos. Para Winnicott tal reação é uma declaração de esperança juntamente com um pedido de ajuda. É a procura do acolhimento e contenção familiar, da mãe suficientemente boa e do pai como suporte dessa relação.

Acolher os impulsos agressivos da criança fará com que ela possa se apropriar desses impulsos sem o medo de submeter-se a eles, pois se perceberá capaz de reparar suas destruições. À medida que isso vai acontecendo, a criança se torna apta a criar uma agressividade direcionada às suas necessidades e a lidar com suas ambivalências afetivas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABADI, Sônia. O desenvolvimento da agressão In: **Transições – o modelo terapêutico de D.W. Winnicott**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- BION, W. (1962). **O aprender com a experiência**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- BION, W. (1967). **Estudos psicanalíticos revisados**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- BION, W. (1992). **Cogitações**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- BLEICHMAR, S. Do discurso parental à especificidade sintomática na psicanálise de crianças. In: ROSENBERG, S. **O lugar dos pais na Psicanálise de crianças**. São Paulo: Escuta, 1994, p.120-155.
- BORGES, Maria Luiza Soares Ferreira. **Função materna e função paterna, suas vivências na atualidade**. 2005. 148 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.
- FERREIRA, M.; AIELLO-VAISBERG, T. O pai 'suficientemente bom': algumas considerações sobre o cuidado na psicanálise winnicottiana. **Advances in Health Psychology**, v.14, n.2, p.136-142, Jul-Dec, 2006.
- FISHER, Helen. **Anatomia do amor: a história natural da monogamia, do adultério e do divórcio**. Rio de Janeiro: Eureka, 1995.
- FREUD, S. (1914). Sobre o narcisismo, uma introdução. **Obras completas**, ESB, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- FREUD, S. (1924). A dissolução do Complexo de Édipo. **Obras completas**, ESB, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976a.
- FREUD, S. (1925). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. **Obras completas**, ESB, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976b, p. 303-322.
- HINTZ, Helena. **Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade**. Pensando Famílias, 3, 2001; (8-19).
- KEHL, M. Lugares do feminino e do masculino na família. In: COMPARATO, M.C.; MONTEIRO, D. **A criança na contemporaneidade e a psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

- KEHL, M. R. Em defesa da família tentacular. In: GROENING, G. C.; PEREIRA, R. **Direito de Família e Psicanálise: Rumo a uma Nova Epistemologia**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- KLEIN, M. (1927a). Princípios psicológicos da análise infantil. In: KLEIN, M. et al. **Contribuições à psicanálise**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981a.
- KLEIN, M. (1927b). O desenvolvimento inicial da consciência na criança. In: KLEIN, M. et al. **Contribuições à psicanálise**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981b.
- KLEIN, M. (1937). **Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos, 1921–1945**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- KLEIN, M. (1952). Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê. In: KLEIN, M. et al. **Os progressos da psicanálise**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- KLEIN, M. (1959a). Inveja e gratidão. In: **Inveja e Gratidão e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1991a.
- KLEIN, M. (1959b). Nosso mundo adulto e suas raízes na infância. In: **Inveja e Gratidão e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1991b.
- KLEIN, M.; RIVIERE, J. (1937). **Amor, Ódio e Reparação**. São Paulo: Imago Editora/EDUSP, 1975.
- KUPFER, M. C. Pais: melhor não tê-los?. In: ROSENBERG, S. **O lugar dos pais na psicanálise de criança**. São Paulo: Escuta, 1994, p.99-119.
- LIMA, S.; POSTIGO, V. **A Psicanálise ainda escuta o “Édipo” na família contemporânea?**. 2016. Disponível em: <<http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/VII%20CONGRESSO/ANAIS/Mesas%20redondas/80.3.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2017.
- LIPOVETSKY, G. **O caos organizador**. Folha de São Paulo, Caderno Mais, 2004.
- MORAES, M.L. A estrutura contemporânea da família. In: COMPARATO, M.C.; MONTEIRO, D. (Org.). **A criança na contemporaneidade e a psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- POSTIGO, V. A ética e o sujeito da hipermodernidade: algumas considerações psicanalíticas In **A Ética como fundamento dos projetos humanos**. Rio de Janeiro, Saraiva, 2010.
- ROSA, Claudia Dias. O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott. **Nat. hum.**, São Paulo , v. 11, n. 2, p. 55-96, fev. 2009 . Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302009000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302009000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 10 abr. 2017.

ROSENBERG, S. A constituição do sujeito e o lugar dos pais na análise de crianças. In: ROSENBERG, S. **O lugar dos pais na psicanálise de crianças**. São Paulo: Escrita, 1994, p.21-59.

ROUDINESCO, Elizabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VILHENA, J.; MAIA, M. Agressividade e violência: reflexões acerca do comportamento antissocial e sua inscrição na cultura contemporânea. **Revista Mal-estar e Subjetividade**. Fortaleza, v. II, n.º 2, p. 27-58, 2002

WINNICOTT, D. (1951). Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais. In: \_\_\_\_\_. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1971.

WINNICOTT, D. (1945) Desenvolvimento emocional primitivo In:\_\_\_\_\_. **Textos selecionados: da Psicanálise à Pediatria**. 4. e. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

WINNICOTT, D. (1956) Preocupação materna primária. In \_\_\_\_\_. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

WINNICOTT, D. (1957a). **A criança e seu mundo**. 6ªed. Trad. Álvaro Cabaral. Rio de Janeiro: LTC editor, 1964a.

WINNICOTT, D. (1957b). E o Pai?. In: WINNICOTT, D. **A Criança e o seu Mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1964b.

WINNICOTT, D. (1961) **Tudo começa em casa**. 4ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WINNICOTT, D. (1963) **Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

WINNICOTT, D. (1965a) Teoria do relacionamento paterno-infantil. In:\_\_\_\_\_. **O ambiente e os processos de maturação: sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

WINNICOTT, D. (1965b) **A família e o desenvolvimento individual**. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.



ZIMERMAN, D. (2004). **Bion da teoria à prática: uma leitura didática**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

ZORNIG, Silvia Maria Abu-Jamra. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro , v. 42, n. 2, p. 453-470, jun. 2010 .

Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382010000200010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 28 Mar. 2017.